

Algumas verdades sobre a desflorestação

Um livro francês desfaz o mito de que os países do sul são os grandes responsáveis pela destruição do planeta



Ilha de Bioko, Guiné Equatorial.

‘Em grande parte da África Ocidental, a área florestal aumentou durante o século XX.’

Foto: Alamy Stock Photo

Laura Spinney

21 de dezembro de 2020

Para prevenir futuras pandemias, devemos parar com a desflorestação e acabar com a venda ilegal de animais selvagens. Concorda? Claro que sim, o que há para não concordar? A questão principal é a seguinte: tomar estas ações resolverá o problema? E a resposta é, provavelmente não. Ajuda, mas há outro problema potencialmente maior perto de sua casa: o uso de recursos naturais do norte, especialmente a sua dependência da criação de gado.

A história de que as epidemias são um castigo por perturbar a ordem natural das coisas não é nova. Mas é uma reviravolta peculiarmente moderna e pós-colonial imaginar que a origem dessa perturbação está algures longe da maioria de nós - as partes do mundo ocupadas com densas florestas recentemente plantadas convenientemente coincidem com as partes mais pobres. E acontece que a narrativa pode estar a interferir com as nossas tentativas de nos protegermos de novas doenças, bem como dos esforços para enfrentar as alterações climáticas e a erosão da biodiversidade.

Como argumenta o historiador ambiental francês Guillaume Blanc no novo livro que ainda não foi traduzido para o inglês, "*L'invention Du Colonialisme Vert*", a ideia de que a África já foi coberta por uma vasta floresta primária é um mito inventado pelos colonialistas no início do século XX. Durante vários milhões de anos, a mancha de árvores do continente aumentou e diminuiu conforme o clima aquecia e arrefecia. Com o aparecimento do Humano, abateram algumas árvores e plantaram outras, de modo a que, quando Denys Finch Hatton levou Karen

Blixen para dar uma volta no seu Gipsy Moth - uma cena imortalizada no filme *Out of Africa* de Sydney Pollack de 1985 - as paisagens quenianas sobre as quais eles sobrevoaram foram totalmente esculpidas por humanos.

A partir da década de 1930, os colonialistas criaram parques nacionais para proteger as florestas dos locais, que supostamente as destruíam à medida que as suas populações cresciam. Mas a hipocrisia é dupla, porque nessa altura foram os colonialistas os responsáveis pela destruição em grande escala. Entre 1850 e 1920, na África e na Ásia, os europeus e os seus descendentes cortaram 95 milhões de hectares de floresta, onde nasceram explorações agrícolas- entre quatro e cinco vezes mais do que foi destruído no século anterior.

O mito da floresta desaparecida persiste. Como o historiador ambiental americano James McCann mostrou, a luta louvável e merecedora do Prémio Nobel do ex-vice-presidente dos Estados Unidos Al Gore para alertar o mundo sobre as alterações climáticas - em parte no seu livro de 1992, *Earth in the Balance* - apresentou dados estatísticos como a mancha florestal da Etiópia tinha diminuído de 40% na década de 1950 para 1% na década de 1990 (a Etiópia nunca foi colonizada). O valor de 40% é baseado em estimativas dos europeus na década de 1960; nenhum estudo sistemático das florestas daquele país foi realizado. Enquanto isso, em grande parte da África Ocidental, os antropólogos britânicos Melissa Leach e James Fairhead mostraram que a cobertura florestal na verdade aumentou durante o século XX. Também na Ásia, a pesquisa suscitou dúvidas sobre a suposta ligação entre o crescimento da população local e a desflorestação.

O mito é tão poderoso que simplesmente aceitamos as suas inconsistências. O fato, por exemplo, de que a pegada de carbono de um turista do hemisfério norte que visita para um parque nacional africano ou asiático é inferior à de um agricultor local que viaja a pé e não usa eletricidade. Embora não haja nenhuma evidência de grande destruição da flora e fauna da África resultante da ação do homem até à chegada dos colonialistas, diferenciamos a distinção entre "bons" e "maus" caçadores. Quando Thomas Cholmondeley, descendente de uma conhecida família de colonos brancos no Quênia, foi condenado pelo homicídio em 2006 de Robert Njoya, muitos jornalistas associaram o passado colonialista britânico a Thomas, mas poucos questionaram a sua auto descrição como um caçador desportivo e conservador, enquanto que Njoya, um homem negro, era um "caçador furtivo".

A conservação e a exploração dos recursos naturais surgiram na mesma época e lugar, argumenta Blanc - na Europa durante a Revolução Industrial - e têm continuado em paralelo desde então. Ambos surgiram quando os europeus procuravam o Éden depois de destruí-lo em casa. E agora o novo mito que outro Éden regressou em forma de vingança, uma vez que nos encontramos numa pandemia.

Sabemos que a maior intensidade de contato humano-animal aumenta a probabilidade de novas doenças humanas de origem animal, algumas das quais com potencial pandémico, e sabemos que em muitos casos - como o coronavírus - o vírus chega-nos a partir de um morcego selvagem ou roedor (o portador natural) através de um animal de criação (o portador intermediário). Culpamos o comércio ilegal de animais selvagens - os maus caçadores - e a desflorestação por aumentarem as interações entre as pessoas e as reservas naturais, mas não falamos sobre a ligação. O elefante - ou melhor, a vaca, camelo ou civeta - são o gado.

Aqui a autoilusão leva-nos ao cinismo, porque as grandes empresas agrícolas, muitas das quais no hemisfério norte, conhecem muito bem o risco que representam - é por isso que vigiam os seus rebanhos e gado à procura de novos patógenos. Até agora, são melhores neste processo nos EUA e na Europa do que na China. Mas em todo o mundo, estas empresas empurram as concorrências mais pequenas para mais perto da floresta. Às vezes, até empurram os pequenos agricultores para fora do negócio e para o comércio de animais selvagem.

A desflorestação é real, em alguns locais, mas onde está a acontecer, o capital e a mentalidade que os representam, podem muitas vezes ser associadas ao hemisfério norte - como poderia há um século atrás. O nosso comportamento consumista é o problema - e isso aplica-se às alterações climáticas e à perda da biodiversidade. O hemisfério sul está bem ciente disso. É por isso que foram necessários 20 anos desde a Cúpula da Terra de 1992, no Rio de Janeiro, para que uma organização internacional fosse criada para colmatar o problema da biodiversidade. Norte e sul discutiam sobre quais os valores deveriam dominar a agenda de conservação. É também por isso que existe uma luta contínua pelos direitos dos recursos genéticos mundiais.

Às vezes, como observa Blanc, o sul faz com que a hipocrisia do norte esteja a seu favor, como no caso dos governos africanos que usam os parques nacionais como “as vacas gordas”. Mas ninguém se engana. Da ajuda à conservação, o sul sabe que deve ser cauteloso com o complexo do salvador branco, pelas verdades cruéis que ele esconde.

Encontrar soluções para os nossos problemas genuínos vai ser terrivelmente difícil, mas o processo tem de começar reconhecendo que a natureza é interligada, da qual nós, hemisfério norte, fazemos parte, e que somos atualmente os que a mais prejudicamos. Não somos todos brancos - e podemos discutir sobre onde o norte começa e termina - mas alguém do norte escreve isto citando outra pessoa do norte, no caso, Monsieur Blanc, é porque o nosso mito está a deixar o mundo doente - é nosso dever acabar com ele.